

MARIA DAS DORES BORGES DE SOUSA

A MOITA

MEMÓRIAS DE UMA ÉPOCA



**NAS COMEMORAÇÕES DO
TRICENTENÁRIO DA ELEVÇÃO
DA MOITA A VILA
1991 - 1993**

Ficha Técnica

Autora: Maria das Dores Borges de Sousa

Execução Gráfica: Corlito/Setúbal

Edição: Câmara Municipal da Moita

Ano: 1993

Tiragem: 2.200 exemplares

Dep. Legal: 64152/93



*Esse tempo era bom...
Há tanto, coração!
Mas é lembrá-lo e tê-lo
mais uma vez à mão.*

*Ah! Que o Mundo e o Tempo
não me levaram tudo...
Tempo, azeda o meu vinho!
Goteja sombra, Mundo!*

*Sede o que sois... Que importa?
Deixais-me, Mundo e Tempo,
Um fio de Sonho ainda...*

De Sonho me sustento.

Sebastião da Gama

PREÂMBULO

Nasci na Moita.

Na minha infância tive por horizonte o Largo (Praça da República), o rio Tejo com suas fragatas, a Serra da Arrábida lá muito longe, e uma quinta que me viu crescer, o Alto da Malhada.

Hoje, Médica Pediatra, segui um longo percurso pessoal, profissional e familiar que preenche a minha vida. Mas a infância e as minhas raízes mergulhadas na Moita, estão sempre presentes.

Decorria o ano de 1991 quando um honroso convite me foi dirigido: era convidada para fazer parte da Comissão de Honra das Comemorações do Tricentenário da Elevação da Moita a Vila. Aceitei com grande entusiasmo e emoção.

Penso que a Moita tem uma longa história que ainda não foi escrita. Estas notas serão uma pequena parte do que fica por dizer.

Foi com mágoa profunda que vimos desaparecer do nosso convívio uma Senhora, minha querida prima Dona Ana Antero que, fazendo também parte da Comissão de Honra, com os seus oitenta e dois anos era para nós um símbolo de juventude de espírito, entusiasmo e amabilidade. As suas recordações dos tempos antigos levaram a que planeássemos colher elementos da história da Moita, mas esse projecto ficou truncado com a sua morte na noite de Natal de 1991. Em sua homenagem, achei que não devia parar.

Alguns dos factos descritos foram coligidos da tradição oral, outras permanecem na nossa memória. Com estes elementos procurei dar forma a uma descrição da nossa terra entre os anos quarenta e cinquenta. Muitos aspectos serão omitidos, uns por desconhecimento, outros por não achar oportuna a sua abordagem. Uma certeza, porém, ponho em todas as minhas palavras: o grande amor que dedico à minha terra, o desejo que as novas gerações não esqueçam as que as precederam e honrem a herança que lhes deixamos: a Vila da Moita, linda, que hoje temos.

Que me perdoem algumas imprecisões. Nestas notas pus o meu coração, e foram escritas pelos olhos de uma menina que via desta maneira a sua terra. Essa menina cresceu, mas guarda ainda no brilho do olhar o orgulho de aqui ter nascido e vivido parte importante da sua vida.

Moita, Janeiro de 1993.

ALGUNS ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Recuando ao início do século passado, sabemos que as Invasões Francesas, a ida da Família Real para o Brasil, a difusão das ideias liberais, os ingleses colocados nos altos postos do Exército, contribuíram para que o século XIX fosse um século de instabilidade social.

Muitas famílias vindas do norte do país, sobretudo da zona de Arganil, procurando melhores condições de vida e de estabilidade, acabaram por se fixar na Moita. Dedicaram-se a uma agricultura florescente, pois os terrenos de baixas férteis, com muita água, húmus das antigas florestas que foram aos poucos sendo desbravadas para se transformarem em terras de sementeira, eram propícios às artes da lavoura.

A proximidade do rio, com a construção de um cais acostável, onde chegavam e partiam fragatas carregadas de produtos hortícolas, madeira, gado para abastecer Lisboa, que ficava ali mesmo em frente, dava um movimento importante à Vila.

Surgiram então grandes quintas.

Algumas famílias eram constituídas por agricultores fixados às suas terras, cultivando o terreno com dedicação e apego, vivendo uma vida absolutamente rural, colhendo os lucros, nem sempre muito abundantes. Formavam no entanto uma classe rural que se começava a aburguesar. Constróem casas nas quintas, com um gosto rural, maiores ou menores, mobiladas com uma funcionalidade não isenta de austeridade, mas com conforto. As salas têm janelas por onde entra o sol, mas que à noite são trancadas, mobílias sólidas e sóbrias, belos candeeiros de petróleo, camas de ferro trabalhado, roupas de linho, oratórios com imagens dos Santos da sua devoção.



Estes homens viviam ligados à terra. Por esse motivo, conservadores nas suas ideias, tinham um natural amor à Monarquia, com a qual se sentiam identificados, combatendo as ideias republicanas, que se iam desenvolvendo a passos largos.

Esta dedicação à Monarquia levou a que o símbolo, a coroa real, encimasse o chafariz que existia no Largo, e o qual ainda podemos ver em antigas fotografias da Praça do Príncipe D. Carlos, hoje Praça da República. Era neste chafariz que os animais se iam dessedentar em tardes cálidas de verão, e onde os transeuntes também podiam parar e beber a água fresca que corria das suas bicas, ou ainda abastecer de água as suas casas.

Conta a tradição que, durante a tristemente célebre epidemia de cólera, no reinado de D. Pedro V, também a Moita foi atingida. As famílias eram dizimadas, fazendo dezenas de mortos. Os funerais eram então feitos de noite, à luz de archotes, e os corpos transportados em esquifes. Sabemos que a morte pela cólera é essencialmente por desidratação. Durante um desses funerais o «morto», transportado aos ombros dos seus familiares e amigos, a caminho

do cemitério, passou pelo chafariz. Ao sentir a água correr, despertou da sua letargia, saltou do esquite e bebeu largamente até saciar a sua sede, enquanto fugiam todos os que o acompanhavam, horrorizados com o «ressuscitado» ...

Mais tarde esse belo chafariz, porque tinha a coroa real, foi destruído e as suas pedras lançadas ao acaso no rio.



Outros agricultores dedicaram-se também ao comércio, sobretudo de cereais, adquirindo bens imóveis, como armazéns, celeiros, adegas, os quais ainda hoje vamos encontrar, com a sua traça primitiva, no núcleo histórico da Moita, em geral junto ao Cais.

Como atrás foi dito, a difusão das ideias liberais, que floresceram em pleno século XIX, começaram a dar os seus frutos, sobretudo aos que acalentavam mais ambições.

Como em todas as épocas, as ideias políticas contrárias foram causa de cisão entre as pessoas. E, se o ruralismo calmo, acomodaticio, conformista, foi apanágio de algumas famílias, o mesmo não sucedeu com outras.

A produção agrícola aumentou com as novas técnicas aplicadas à terra, e o comércio baseado na agricultura veio a beneficiar os proprietários modificando profundamente a vida de pequenos e médios agricultores. Os primeiros acabaram por formar uma classe remediada. Os segundos, dispensando a frugalidade de outrora, passaram a viver melhor, mudaram as suas residências para a Vila ou para a Cidade, e tomaram-se ricos.

A Moita não fugira à regra, acompanhando esse evoluir dos tempos. Boas casas foram-se construindo na Vila para nelas se alojarem as famílias dos proprietários.

A implantação das ideias republicanas ia-se fazendo com rapidez. Vultos conhecidos da época, como o Dr. António José de Almeida, eram visita da casa de meu Avô. Da sua varanda, ainda hoje existente, oradores brilhantes e fervorosos nos seus ideais fizeram eloquentes discursos para a multidão reunida no Largo, hoje Praça da República.

E, recorrendo mais uma vez à tradição oral, sabemos que durante uma situação de maior agitação popular, a nossa Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem esteve em risco de ser saqueada e incendiada. Meu Avô, João Martins Gomes, então regedor, foi chamado à pressa. E ele, com toda a autoridade que lhe era reconhecida por uma vida digna, falou à multidão, acalmando os espíritos, conseguindo assim salvar a Igreja.

Os tempos foram passando, a Moita serenou e, embora algumas famílias tivessem ideias diferentes, não deixavam no entanto de unir os seus destinos por casamentos a gosto dessas mesmas famílias.

OS CASAMENTOS

Os casamentos eram as Festas Grandes das famílias. O namoro, em geral, era pedido por carta, à qual a rapariga respondia, se estava interessada. Então os namorados mantinham longos colóquios, ela à janela, ele na rua. Seguia-se o noivado, mais ou menos prolongado, em que o noivo já podia frequentar a casa da noiva.

Se o namoro era a contento das famílias, preparava-se o casamento. A data era em geral marcada na Primavera ou no Outono, por o tempo ser mais ameno.

Lidos os «pregões» na Igreja durante três domingos seguidos, se não houvesse nenhum impedimento, chegava o grande dia. O noivo e os seus acompanhantes eram os primeiros a chegar à Igreja. O transporte podia ser de caleche, mais recentemente de carro ou a pé.

Surgia então a noiva, luzindo o mais belo vestido, em geral de renda branca, acompanhada pela madrinha.

Quase toda a vila era convidada, pois todos tinham de ir, desde os parentes mais abastados aos menos remediados. Além dos familiares vinham também os amigos, alguns de bem longe.

A cerimónia era realizada com brilho e belas homilias, que poucos escutavam desejosos que tudo terminasse para seguirem para o banquete. Uma farta e primorosa boda era então servida, em geral em casa da noiva. Numa sala especial armava-se a «corbeille», com as prendas oferecidas aos noivos e vistosamente expostas.

Eram por vezes dias de festa a mais não acabar.

Era ainda tradição as crianças juntarem-se debaixo das janelas. Destas eram então lançados bolos e rebuçados, o chamado «atirar ao chôcho», e os pequenos apanhavam, felizes, tudo o que podiam e iam fazer a festa à sua maneira.

O LARGO

O Largo da Moita ou Praça da República foi, desde sempre, a zona vital da Vila e o testemunho de muitos acontecimentos históricos. Nele se situa a Câmara Municipal que, embora mantendo a traça primitiva do fim do século XIX, tem sofrido algumas modificações, mas respeitando sempre a sua arquitectura sóbria e elegante.

Os antigos plátanos que circundavam a Praça foram sendo substituídos por outras espécies de árvores, e hoje tem bonitos e alegres jacarandás que, em Junho, se cobrem de flores azuis que ao caírem atapetam o chão.

O seu pelourinho central completa a harmonia do conjunto, sempre bem ajardinado e acolhedor. Belos trabalhos de calçada à portuguesa completam o enquadramento.



Creio que as primeiras vivências que me ficaram na memória estão ligadas a este Largo. Ele era um dos nossos locais de brincadeiras, pois podíamos ser vigiados das janelas pela minha Mãe. Aí brincávamos em grupos de crianças alegres e despreocupadas.

Mas o Domingo era um dia diferente. No início da tarde, reuniam-se os trabalhadores rurais num extremo do Largo. Aí combinavam o trabalho a executar sendo contratados «à semana»; estabelecido o acordo, iniciavam no dia seguinte o seu labor. Mantinha-se uma conversa amena entre as pessoas, cada um falando das suas preocupações, dos preços dos produtos, das safras, do gado.

Também era uma imagem típica a mulher dos tremoços. Vivia no campo e adoçava-os nos poços ou nos riachos, e depois vinha ao domingo com o seu saco de serapilheira, sentar-se num banco pequeno no extremo sul do Largo. Aí, com as suas medidas de madeira, vendia os tremoços dum sabor inexcelável, salgados e saborosos.

E, em dias de festa, o Largo era animado com os Coretos, onde tocavam as Filarmónicas, em geral música clássica, que era escutada pelas pessoas com um respeito quase religioso. As esplanadas dos cafés animavam-se e as conversas subiam de tom, onde muitas vezes o futebol era o rei.

O CAMPO

O caminho pelo campo para o Alto da Malhada, distando cerca de três quilómetros da Vila, era feito a pé. Deixando a Vila, subíamos um carreiro íngreme de terra barrenta, duro no verão, atascante no inverno, direitos ao moinho do Antero. Este caminho era fértil numas pequenas plantas, as candeias, que, por tradição, colhíamos no dia dois de Fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias.

À esquerda ficava o moinho onde, quando passávamos (quem moraria lá?) vinha sempre um cão ladrar. Latas velhas, potes de barro quebradas, eram canteiros de flores, dando uma nota de alegria.



Continuávamos por entre os sobreiros que nos davam a sua sombra amiga, rodeados de tojo, algumas estevas, e onde, na primavera, depois das chuvas, apanhávamos espargos bravos. Seguíamos depois por um carreiro arenoso e, logo mais adiante, de terra batida, árida, com algumas oliveiras mal desenvolvidas, onde se via por vezes a pele deixada por alguma cobra. Um ou outro lagarto corria veloz à nossa passagem.

Depois chegávamos ao charco grande, com um canavial frondoso rodeado de ervas rasteiras e onde, na sua água estagnada, se viam fugir os peixes, cobras de água, e saltitar as rãs que ficavam a coaxar ao sol. Mosquitos, libélulas, borboletas coloridas, pairavam sobre aquele mundo húmido e pantanoso... Seguíamos, saltávamos um valado, e entrávamos na fazenda do Manota. Aí havia fartas videiras e não resistíamos à tentação de colher um cacho de uvas pretas, acres e saborosas, que íamos comendo furtivamente! E depois de mais um valado, era a fazenda do Tábuas. Ele vinha sempre à porta da casa saudar-nos com um «Bom dia, Patrão Jacinto!» Ao lado da casa, o porco dormitava na pocilga, coberto de lama.

E surgia o canavial, limite do nosso Alto da Malhada. Entrávamos na quinta, felizes, vendo ao longe a casa acolhedora, com o seu baixo relevo redondo, um Anjo da Guarda branco em fundo azul. A casa caiada de branco com as janelas circundadas a azul, a eira, os eucaliptos, todo um mundo que nos esperava para mais um dia de liberdade, felizes na nossa infância despreocupada...

Num dia de inverno, os terrenos alagados eram para nós um mundo de prazer.

O charco grande, lá em baixo no pomar, era a minha grande atracção. Os meus companheiros de brincadeiras, o meu irmão João e o Zé Pequeno, estavam entretidos e não davam pela minha falta. E eu, pequenina, fui até ao charco. Uma pedra emergia da água lodosa, e milhares de seres vivos nadavam à superfície. Os grandes e seculares eucaliptos deixavam pender os seus ramos sobre a água. As sombrinhas japonesas, airosas, oscilavam com o vento. Os meus olhos, cheios de encantamento, olhavam esse mundo desconhecido.

Peguei numa cana frágil, calculando a profundidade da água, que não era muita. Apoiei-me e saltei para a pedra... esta oscilou, eu oscilei... a cana partiu-se e... zás! dentro de água!

Saí de lá, tiritando de frio (ou seria de medo?). As roupas foram secar à lareira da «casa da Malta», e eu embrulhada numa manta velha, chorando ao calcular o castigo que esperava de minha Mãe, ao chegar à Vila.

O meu Pai repreendeu-me, mas com tanta doçura na voz, que mais era um carinho. Ao chegarmos à Moita, o meu Pai disse à minha Mãe:

- Choveu, ela molhou-se pois já não houve tempo de se abrigar... Não lhe batas, eu já lhe bati...



CLIMA SOCIAL

O início da década de quarenta trouxe profundas modificações. Muitos dos antigos trabalhadores empregaram-se na CUF do Barreiro, pois a era industrial encontrava-se em plena expansão. Também os Caminhos de Ferro empregavam muita mão de obra. Por este motivo, o xadrez social ia-se modificando.

Nessa época, a guerra grassava na Europa com extrema violência, aproximando-se perigosamente da Península Ibérica. As pessoas viviam na expectativa de uma invasão. Conversas dispersas, murmuradas, de modo a que as crianças não se apercebessem, traduziam a angústia então vivida. As janelas eram protegidas com fitas de papel coladas para evitar o estilhaçar dos vidros em caso de bombardeamento. À noite, exercícios de ocultação de luzes agravavam a angústia das pessoas. Em casa, havia um rádio que nos permitia ouvir as notícias da Emissora Nacional e da B.B.C. de Londres. Eu ficava em frente do rádio, absorta, não compreendendo muito bem a palavra «aliados» e pensando como é que o locutor teria entrado lá para dentro.

A Moita, frente a Lisboa, era local estratégico importante de defesa. Por isso, foi colocado aqui um destacamento militar de defesa anti-aérea, e a Moita via-se animada com tantos rapazes jovens, alegres, estranhos à terra. Não havia restaurante digno desse nome. O senhor Marcolino, que tinha o Café Central, hoje Café Fragata, tomou de arrendamento a meu Pai o primeiro andar da casa e aí instalou um belo restaurante, com duas salas para oficiais e sargentos. A entrada para a casa fazia-se pelo Café e, para nós, ao cimo da escada, era uma festa ver o movimento do primeiro andar na hora das refeições. Ficava lá em cima, cabecita entre as grades da escada, a ver toda essa gente que começava a tornar-se familiar.

Faziam-se amizades. Os bailes viviam momentos de grande animação, cheios de alegria, com bonitas raparigas dançando com os airosos oficiais, músicas modernas de Glenn Miller, Harry James, ou tangos de acordo com o espírito da época.

Se o início dos anos quarenta fora profundamente marcado pela guerra que dizimava toda a Europa, agora, à distância de quase cinquenta anos, concluiríamos que vivíamos na Moita uma infância feliz.

A Vila sofria de um certo isolamento geográfico pois, embora servida pelo Caminho de Ferro e mais tarde pelas carreiras de autocarros de João Cândido Belo, as comunicações eram difíceis e Lisboa parecia muito longe. A cidade era necessária, pois na Vila o comércio era então insuficiente e tudo dependia praticamente da Capital. Tínhamos como estafeta o Sr. Paulino, que ia diariamente a Lisboa levar e trazer encomendas absolutamente necessárias.

Outra figura típica era o António dos Jornais. Trazia-nos diariamente o «Diário de Notícias», que líamos com toda a atenção, sobretudo o seu suplemento semanal, o «Cavaleiro Andante». O «Modas & Bordados - Vida Feminina» era para minha Mãe. Para nós, ao Sábado, vinha o «Mosquito», ansiosamente esperado. Essas bandas desenhadas, com os seus heróis como o Serafim Malacueco, a Anita, o Cuto, foram as nossas primeiras paixões, crendo que foi aí que aprendemos a amar as letras. Também o «Sempre Fixe» era lido e relido, ora a rir, ora a sorrir, ou deixando-nos a meditar.

A vida decorria serena, rodeada de adultos que nos amavam e enchiam de carinho a nossa vida.

O CAIS

Disseram-me há dias uma frase que achei muito bonita: A Moita é do sexo feminino, é mulher, casou com o Tejo e esse casamento perdura, harmonioso, há séculos.

De facto, a Terra é a nossa Mãe e nela mergulhamos as nossas raízes. O Tejo é o nosso horizonte. E a pulsar como um coração, o Cais, o seu limite.

O Cais é lindo. No nosso pensamento mantêm-se vivas na memória as imagens das fragatas aí acostadas, ou então vogando mansamente nas suas águas, com velas quase transparentes ao pôr do sol, momento mágico em que o rio se tingia de tons avermelhados, que lentamente se esbatem para deixar reflectir as estrelas.

Durante séculos, o Cais foi ponto nevrálgico da Vila. Toda a azáfama da chegada dos produtos vindos de Lisboa e o embarque dos legumes, da cortiça, dos vinhos, dava-lhe uma nota de vida fervilhante que aos poucos foi desaparecendo.



Mas o Cais não morre. Cada pedra é uma história, cada pôr do sol renova-se diariamente e enche-o de vida. Na maré baixa podíamos ver os homens apanhando lamejinhas no seu lodo e depois vendendo-as de porta em porta em medidas de folha.

E os miúdos que na comporta se banhavam e lá aprendiam a nadar, qual piscina natural, com o banho revigorante em água fria!

Não podemos esquecer essa azáfama dos homens fortes e rudes, de um lado para o outro com os sacos às costas, trazendo, levando, armazenando, arrumando!

E em dias de procissão, com os barcos todos engalanados, tal como hoje ainda se repete a tradição, expressão das gentes que mantêm intacto o amor à nossa Terra, aguardando a bênção de Nossa Senhora da Boa Viagem, com o seu estrondo de morteiros e foguetes, espectáculo único!

Hoje o Cais é mais calmo. Tal como um coração que vai abrandando o seu ritmo físico, parece que medita, lembrando com saudade o seu tempo de outrora. Mas sabe que continua lindo e amado.

SÃO SEBASTIÃO

No Alto de São Sebastião somos possuídos de um sentimento ambivalente. Daí estende-se a nossos pés uma paisagem deslumbrante. Pela sua altitude pode-se ver toda a Moita, Alhos Vedros, Baixa da Banheira, Barreiro, e, para além de todo o estuário do Tejo, Lisboa. De facto, os nossos olhos ficam ofuscados em dias de grande luminosidade pelos contrastes de brilho, luz e sombras que envolvem toda a paisagem urbana, rural e marítima que daí podemos ver, em vista panorâmica. É todo o rio que, calmo, se vai espriando por todos aqueles terrenos baixios, onde antigamente as marinhas de sal ponteavam de branco o horizonte. Hoje será mais escuro, mas não menos bonito.



E, se na nossa frente esta paisagem linda se confunde com o horizonte, uma não menos bonita construção se situa nesse alto, a Capela de São Sebastião. Reza a tradição que é a capela mais antiga da Vila.

No entanto, tem sido olhada com pouco amor. Seria a sua reconstrução um dos actos de maior justiça que a Moita poderia fazer a este seu Monumento.

E a ambivalência surge aqui, pois é ainda neste local que se situa o Cemitério da Vila. Temos ali sepultados os nossos antepassados, os nossos familiares, os nossos amigos. Talvez pela beleza dos arranjos escultóricos, talvez pelas suas flores ou pelo aspecto tão cuidado, ele é, de facto, um campo de paz. A sua localização diminui todo o dramatismo que, em geral, envolve um cemitério. O da Moita é branco, cheio de sol e flores, tão lindo que mais parece um jardim cuidado. E toda a saudade que sentimos pelos nossos entes queridos fica aconchegada nesse lugar tão belo.

O CINEMA

Duas Sociedades ocupavam as atenções dos conterrâneos: a Sociedade Velha, ou seja a Sociedade Filarmónica Estrela Moitense e a Sociedade Nova ou Sociedade Filarmónica Capricho Moitense. Competiam no brilhantismo das suas festas e bailes, mas também com o cinema, grande veículo de cultura na nossa terra nos anos quarenta e cinquenta.

Havia cinema na Sociedade Velha à quarta-feira, sábado e domingo. O meu Pai, como antigo associado, tinha lugar marcado na fila G, número 18, coxia central,. Como não havia classificação dos espectáculos, víamos tudo. Íamos sempre, e daí nasceu dentro de nós um amor ao cinema e uma cultura cinematográfica. No início eram filmes de vinte episódios, trinta e uma partes, com aventuras intermináveis de heróis invencíveis como o «Capitão Marvel», o «Máscara de Ferro», o «Fu-Man-Chu», que ocupavam o nosso mundo. Filmes para crianças, como a «Pandilha», grandes musicais com a Marika Rock, a Diana Durbin, Judy Garland, Bette Davies.

A sala de cinema, ampla, tinha nas paredes grandes fotografias das estrelas da época, como Eddy Lamarr, Rita Hayworth, Lana Turner, Tyrone Power, e outras.

Depois vem o cinema a côres, com grandes metragens como «E Tudo o Vento Levou». Os filmes de cow-boys eram do melhor.



Os documentários que precediam os filmes de grande metragem apresentavam reportagens da guerra, com bombardeamentos e toda a Europa destruída, mas parecia tudo tão longínquo e irreal!

No intervalo, nas noites frias de inverno, lá íamos ao «buffett» onde havia o aromático café, os pirolitos e uns «éclaires» que nunca esqueci, pois eram muito frios, já retardados, mas sempre muito apetecidos!

No verão, era a esplanada ao ar livre, preferindo a da Sociedade Nova. Os filmes não seriam tão bons, as cadeiras eram duras, o som mau, mas o «clima», esse clima não mais sentido, era indispensável. O cantar dos grilos, e de alguma cigarra retardatária, as picadas de melgas, o cheiro a terra quente nas noites cálidas de verão, a brisa suave, a noite que tardava a chegar, e depois o luar ou o céu estrelado... prazer nunca mais sentido!

Estariam mais tarde em voga os espectáculos musicais como «Os Companheiros da Alegria», com o Igrejas Caieiro, levando um entretenimento cheio de vivacidade, desfilando por lá no auge da sua carreira artistas como o Alberto Ribeiro, o Rui de Mascarenhas, a Elvira Velez, a Maria José Valério.

O CLUBE - O DR. SEQUEIRA

O Clube era um local de reunião e também pólo de cultura. À frente dos seus destinos, como grande impulsionador, grande Homem que foi, misantropo insígne, estava o Dr. Sequeira. Médico querido desta Vila, tem hoje, em justa homenagem o seu busto à entrada da Avenida e uma rua com o seu nome. Sua esposa, Dona Elisa, foi uma senhora de grande cultura e exímia pianista. Casal profundamente culto e sociável, transmitiam essa mesma cultura a todos os que os rodeavam.

Com o associativismo dos seus amigos, ajudaram a erigir o Clube, local muito bonito, com os seus belos salões, a biblioteca, a Sala de jogos. Aí se organizavam os mais belos bailes a que a Moita já assistiu, com divertidas festas na passagem do Ano, no Carnaval, e sempre que surgia uma oportunidade.



Mas para este casal, o Teatro era também uma paixão, Decidiram que se havia de representar teatro na Moita, formando dois grupos, os «Grandes» e os «Pequenos». Eu fazia parte dos pequeninos. Fomos representar «Uma Família Sagrada», peça em que tinha um papel engraçado e desempenhado com todo o entusiasmo. Os ensaios eram de fazer perder a cabeça ao ensaiador, mas lá se iam fazendo. Os vestidos, compridos, foram alugados em Lisboa num «guarda-roupa» em voga. Em fim de festa, havia um pequeno espectáculo musical.

A «récita de gala» foi no Clube e transformou-se num êxito social.

As Sociedades, sabendo disso, pediram para irmos representar para o «grande público» e, em vinte e um de Maio de mil novecentos e quarenta e nove, lá fomos nós. Aí fui cantar, vestida de Baiana e bem ao estilo «Carmen Miranda», de vestido cheio de folhos e frutos tropicais no chapéu, a «Chiquita Bacana». Foi um sucesso. Parece que ainda me vejo no palco, menina-mulher, ouvindo aqueles aplausos e segurando o chapéu para não cair! Público cheio de simpatia e ternura...

O CLIMA RELIGIOSO - PADRE JOÃO

A Moita esteve muitos anos sem Pároco. Depois do Padre António, que me baptizou, mas que não cheguei a conhecer, era o Pároco de Pinhal Novo quem vinha esporadicamente celebrar Missa à Moita.

Visita da nossa casa, era o Padre Cruz. Quando vinha à Moita, era visita obrigatória da minha Avó, ainda viva. Lembro-me que ficava no segundo andar, com a cabecita entre as grades da escada a ver chegar o Padre Cruz, acompanhado pelo seu sobrinho, médico estomatologista, o Dr. Santos Cruz, recentemente falecido. Curvadinho, envolto na sua capa preta de Jesuíta, punha as mãos nas nossas cabeças e abençoáva-nos. Dele guardo uma recordação muito viva e presente.

Como a Moita estava sem Pároco, o Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira apercebeu-se da necessidade de um apoio religioso a esta vila que se desenvolvia a passos largos. Há poucos anos, já na fase terminal da sua vida, quando o Padre João era então Prior da Igreja do Sacramento no Chiado, em Lisboa, nalgumas longas conversas comigo, pois ligou-nos sempre uma respeitosa e grande amizade, e me contava como tinha vindo para a Moita. Tinha terminado o seu curso no Seminário dos Olivais um jovem Açoreano, de Água de Pau, de nome João Evangelista de Jesus Matos. Chamado pelo Cardeal Patriarca, este expôs-lhe o clima que iria encontrar: população de extremos, alguns fanaticamente religiosos, outros ateus convictos, outros com fortes ideias oposicionistas. Não iria ser fácil. O Padre João não pensou duas vezes no desafio que lhe era proposto, e respondeu: se Vossa Eminência entende que eu devo ir, eu vou. E veio. Estava-se no ano de mil novecentos e quarenta e cinco, em Outubro. O vazio religioso era grande.



Este jovem, bela figura, cheio de simpatia e força de vencer, iniciou uma autêntica cruzada. Institui a catequese para os pequeninos, tem disponibilidade permanente para a Confissão, celebra Missa diária e dominical, baptiza, administra o sacramento do matrimónio, dá a extrema unção aos moribundos, acompanha os funerais. Desdobra-se: consegue fundar o «asilos» para os idosos desprotegidos, creche para as crianças cujas mães trabalhavam. Organiza a Conferência de São Vicente de Paulo, mobiliza as senhoras para apoiarem os mais desfavorecidos. Institui o «Pão dos Pobres» e, mais tarde, a «Sopa dos Pobres». Conta com a contribuição dos lavradores que enviam os seus produtos hortícolas, donativos, boas vontades. E é vê-lo alegre, gargalhadas sadias, rodeado de crianças, bicicleta a caminho de Sarilhos Grandes, de Sarilhos Pequenos, ou do Rosário, chegando a todo o lado.

E é um orador brilhante. As suas homilias, com o seu sotaque açoreano, são entendidas por todos. A Igreja enche-se a mais não caber ninguém. Institui os solenes «Te Deum», o Mês de Maria em Maio, o Mês do Sagrado Coração de Jesus em Junho, com recitação do Terço em fim de tarde.

Em pleno auge deste entusiasmo, a Vila recebe a visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, em onze de Dezembro de mil novecentos e quarenta e cinco. Foi o delírio. Procissão de recepção, procissão de velas. Veio o Senhor Bispo de Limira, houve festa de Crisma.

Mas é preciso receber condignamente o Senhor Bispo. E que casa melhor e mais condigna senão a nossa? Os meus pais organizam o jantar. Cerimónia única, usam-se as pratas, limpas a primor, os cristais brilhando, os linhos cuidadosamente lavados e engomados. Põem-se lâmpadas mais fortes, está tudo bem iluminado. E eu, pequenina e irreverente, tinha então um casaco de peles branco; estava encantada, deslumbrada, atordoada. O Senhor Bispo chega, barbicha espetada (tal nunca tinha visto), baixa-se sorridente para me beijar... e eu puxo-lhe as barbas! Risos disfarçados, momento de embaraço, gargalhada geral! Fico marcada para o resto da vida...

Nunca a Moita viveu tanta religiosidade, mas penso que a Semana maior era a Semana Santa. O Padre João consegue trazer à Moita, vindos de Braga, alguns oradores famosos, começando a Semana Santa com a Missa e procissão em Domingo de Ramos, saindo só as imagens de Nossa Senhora das Dores e Cristo. A cerimónia do «Encontro» era no Largo, e para o sermão era utilizada a nossa varanda. Colocados os microfones, o pregador empenhava-se em descrever todo o simbolismo do Encontro, e a emoção sentida era tanta que nos deixava com um nó na garganta. O ar ficava impregnado do cheiro a rosmaninho, que atapetava o chão da Igreja e algumas ruas.

Dentro da Igreja decorria toda a Semana Santa, com a cerimónia do «lava pés» e depois as cerimónias da Sexta-Feira da Paixão. Nessa noite, à luz de archotes e velas, era o «enterro do Senhor», cerimónia de carácter fúnebre que adorávamos, segundo penso, por nos deixarem levar uma vela acesa na noite escura.

Ainda está na nossa memória em Sábado de Aleluia o «queimar do Judas», divertimento bem popular em que um boneco feito de estopa e cheio de palha era pendurado no cais, num ramo de uma árvore.

Quando os sinos repicavam ao meio dia anunciando a Aleluia, era-lhe lançado fogo e, como estava também com petardos no seu interior, rebentava estrondosamente, para grande divertimento de toda a gente.

E, se a Semana Santa era um acontecimento marcante na nossa vida social, também o Natal deixou forte impressão na nossa memória. A noite de Natal era sagrada. A minha Mãe deitava-me e a meu irmão, após o jantar, para estarmos despertos para a Missa do Galo. Nesse meio tempo fritavam-se as filhoses e arrumava-se a cozinha. Dormíamos cerca de duas horas, e depois acordávamos para «arrefecer», vestíamos os nossos abafos, gorros na cabeça, e lá íamos os quatro para a Missa. Meu Pai também ia e penso que era das poucas vezes, nessa época, que ia à Igreja.

O cheiro de incenso era profundamente intimista, deixando um fumo que velava as meias luzes da Igreja. E, ao dar as badaladas da meia noite, o Padre João, possuidor de bela voz, cantava o «Glória».

Os sinos repicavam, acendiam-se as luzes e descerrava-se o Presépio, grande, lindo, ocupando toda a capela lateral, um deslumbramento! Depois da Comunhão, o Menino Jesus era dado a beijar e nós, felizes, cumprimentávamo-nos uns aos outros, desejando um Feliz Natal.



E lá voltávamos para casa, cheios de sono, que a hora era tardia, mas pensando nas filhoses. Minha Mãe fazia chá de limão e comíamos os fritos saborosos, cobertos de açúcar amarelo e canela. Que noite mais linda não havia!

A FESTA DA MOITA

Todos esperávamos ansiosos o início de Setembro. O dia oito era dedicado a Nossa Senhora da Boa Viagem, mas os preparativos começavam muito antes.

Na última semana de Agosto, vindos da Festa da Atalaia, começavam a chegar os feirantes nas suas carroças lentas e ruidosas, sempre com um cão atrelado. Também o arraial chegava vindo em camionetas. Era cuidadosamente escolhido pela Comissão de Festas, que todos os anos se deslocava às Festas Gualterianas, em Guimarães, para a selecção do arraial mais bonito e adequado. E, tal como hoje, a azáfama era grande. Colocavam-se os postes, os enfeites, as luzes, os festões. Os feirantes armavam as suas tendas junto ao cais. Vinha o Circo, os carrinhos de choque, os aviões, as barracas de tiro ao alvo, e as dos petiscos. Os louceiros chegavam do Alentejo com as suas loiças de barro vermelho. Do Algarve vinham os vendedores de figos secos, amêndoas, doces, frutos secos, azeitona britada. Todos ocupavam os seus lugares.

Armavam-se os palcos para as Filarmónicas darem os seus concertos, ou para algum espectáculo de Folclore, nessa época ainda raros, pois eram as Filarmónicas que estavam no auge. Pela Avenida espalhava-se areia vermelha, para as largadas. Colocavam-se os trincheiramentos e as vedações. Arranjos de última hora deixavam tudo numa azáfama.

Em nossas casas também se faziam os preparativos. As grandes limpezas, o preparar as melhores peças decorativas, os serviços de mesa, as roupas mais bonitas, o combinar as ementas de festa, o confeccionar os doces mais apetitosos; e era o cheiro a cera de encerar os móveis e o chão, as camas feitas com as rendas mais bonitas. Também os vestidos novos, para estrear no dia da Festa, enchiam os nossos sonhos. Os sapatos eram apertados por serem novos, mas eram calçados com tanto gosto que até nos esquecíamos o quanto nos faziam sofrer.

E o Sábado chegava finalmente. Às nove da noite era a abertura do arraial, com iluminações, salva de morteiros, e volta à Vila pela Banda da Sociedade Filarmónica.

Era o reencontrar de velhos amigos, alguns que vinham de férias, o correr todas as diversões que só tinham verdadeiro sabor nessa idade da inocência. Quase não dormíamos!

No Domingo, cedinho, lá vinha a alvorada com os morteiros e os Zés Pereiras. Depois era a Missa Solene, com a Igreja toda engalanada e os andores prontos para a procissão. A Missa era cantada e com sermão. Lá estávamos todos no coro a cantar, com todo o entusiasmo, acompanhados de «grande instrumental», nem sempre afinados, mas cheios de vigor.

De tarde saía a procissão, linda na chegada ao cais, momento alto pelo seu significado. E quase ensurdecíamos com os foguetes e morteiros. As mais belas colchas pendiam das varandas e janelas, em preito de homenagem à Virgem. E lá seguia a Procissão, cadenciada, com os seus «anjinhos», os belos andores, o Pálio e a multidão que o acompanhava.



Dia lindo, que ainda hoje se realiza com a mesma imponência e onde, todos os anos, revivemos a nossa infância.

Depois, de segunda a quarta-feira, eram as largadas de touros de manhã, na Avenida, num espectáculo de côr, vida e algum risco. O concelho da Moita parava toda a actividade laboral. A Festa era sagrada. Quase sempre no entusiasmo e para o divertimento durar mais tempo, abriam o trincheiramento e deixavam sair o touro. Era o pânico. Por vezes vinha para o Arraial, partindo tudo o que encontrava, outras vezes fugia para os campos e aí era o terror dos agricultores, pois as vinhas eram vindimadas a eito.

À tarde as touradas traziam à nossa terra os maiores vultos do toureio. Por vezes surgiam situações complicadas, pondo em risco o início do espectáculo. Mas depois tudo se resolvia e o entusiasmo das lides fazia esquecer os maus momentos antes vividos e, se a lide era a contento, o toureiro saía em ombros pela porta principal e passeavam-no pelo Arraial.

As noites eram um assombro. Umhas vezes cálidas, outras de chuva, mas sempre cheias do encanto mágico, misturando-se o cheiro do café, da cerveja, dos camarões vendidos pelas mulheres que os traziam de Lisboa e apregoavam em voz cantada, os grelhados, as farturas. As conversas eram animadas, a nossa casa enchia-se de amigos, as pessoas gostavam de se encontrar.

Era, e ainda hoje é, o momento mais alto da nossa Vila.

As Festas terminavam com um espectáculo de fogo de artifício lançado do rio.

Felizmente que se tem conseguido manter as tradições, evidentemente com algumas adaptações de acordo com a época que atravessamos, mas sempre com amor à Moita.

O PROFESSOR GUERREIRO

É com emoção e reverência que evoco a sua figura.

O Professor Guerreiro, como carinhosamente era conhecido, embora não tenha nascido na Moita, aqui viveu e exerceu a sua obra de pedagogo. Figura ilustre da nossa terra, penso que merece um destaque especial.

Pessoa profundamente culta e humana, deixou em todos nós, que tivemos o privilégio de sermos seus alunos, ou que com ele contactaram, uma saudade grande. Tinha o raro dom de ter sempre uma atitude de pedagogo para todos os que o rodeavam, mas fazia-o com uma simplicidade tal que não nos apercebíamos disso. A sua cultura era-nos transmitida de uma forma tão clara e evidente, nunca pondo nisso qualquer gesto de superioridade.

Sabia ser superior, era-lhe inato, mas sem o deixar transparecer. Foi ele quem, com a sua palavra, o seu estímulo, o seu gesto amigo, a sua capacidade para desenvolver em nós a auto-estima e a auto-confiança, levou muitos de nós a seguir um caminho de estudo, caminho esse que a muitos estaria vedado se não fosse a sua influência. As suas aulas eram lições de civismo, de compreensão pelos problemas dos outros, dando-nos pistas que nos levaram a descobrir novos caminhos.

Um preito de homenagem muito grande aqui lhe fica prestado. No entanto continuamos em dívida e a homenagem máxima de toda a Moita ainda está por fazer.

AS INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE

Os Bombeiros Voluntários da Moita constituem uma associação que, presente há mais de cinquenta anos no nosso concelho, são o garante de socorro nas nossas situações de risco. Sempre presentes, quer nos incêndios, nas inundações ou nas catástrofes, e até em pequenos serviços do dia a dia, constituem uma instituição que é vista com todo o carinho pelas pessoas da nossa terra. Também no transporte dos doentes, com as suas ambulâncias, na sua disponibilidade permanente e desinteressada, sempre mereceram a nossa admiração e respeito.

A Associação de Socorros Mútuos União Moitense é também uma antiga associação que prestou grandes serviços à nossa Vila, quando ainda não se falava em Segurança Social. Os seus associados, mediante uma quota, tinham direito a cuidados clínicos e descontos nos medicamentos, o que constituía um bem social inestimável.

Ainda hoje funciona como instituição que foi um modelo de solidariedade social.



A MOITA ACTUAL

Um mundo de factos e acontecimentos ficaram ainda por dizer. Muitas figuras ilustres, algumas já desaparecidas, outras felizmente ainda vivas, e outras de grande valor popular, ficaram por evocar.

Estes simples apontamentos não são mais do que um exercício de memória, por vezes dando forma a tradições orais, evocação desses dias felizes da infância e da adolescência.

Hoje a Moita conhece índices de desenvolvimento e modernidade que dia a dia a transformam numa Vila cada vez mais bonita. Mas não morreram os valores tradicionais. As tradições populares, culturais, cívicas, religiosas, permanecem vivas graças aos dignos continuadores dos nossos antepassados.

A sua história não é esquecida, e a provar a sua vitalidade estão a decorrer as Comemorações do Tricentenário da Elevação da Moita a Vila, com o seu Programa de índole cultural, religiosa e cívica.

A história da Moita é feita por todos nós, naturais ou não desta terra, mas que a amamos da mesma maneira.

Ao olharmos o símbolo heráldico da Moita, vemos nele representado a coroa, símbolo de Nobreza, e as uvas e o pinheiro, símbolo de humildade. A Moita é Nobre, pois nunca abdicou da sua forma de estar, mantendo sempre uma Aristocracia de Boas Maneiras. Mas também sabe ser humilde, recolhendo no seu seio aqueles que a ela acorrem, quantas vezes em momentos de dificuldade.

É por isso que a Moita é uma **Terra Bem Amada**.